

Entrevista com o Prof. Dr. Salomão Jovino da Silva: um pouco sobre a Educação em povos africanos*

Maria Aparecida Lemos Alcântara **

Ricardo Barbosa ***

Armeny Silva Cardoso ****

Alessandro Francisco *****

* Entrevista realizada em 8 de novembro de 2018, na casa do Professor Salloma Salomão, em Itapeperica da Serra (SP), pelos pesquisadores Maria Aparecida Lemos Alcântara e Ricardo Barbosa da Silva, com a colaboração e apoio indispensável da também pesquisadora Armeny Silva Cardoso, sob orientação do Prof. Dr. Alessandro Francisco, no quadro da disciplina Metodologia e prática do ensino superior, oferecida no curso de Pós-graduação Lato sensu em Formação para Docentes para o Ensino Superior, do Centro Universitário Assunção (UNIFAI).

** Pesquisadora na área de Educação Superior, possui Licenciatura plena em Filosofia (UNIFAI) e cursa Pós-graduação Lato sensu em Formação de docentes de ensino superior (UNIFAI).

*** Pesquisador na área de Educação Superior, possui Licenciatura plena em Filosofia e cursa Pós-graduação Lato sensu em Formação de docentes de ensino superior (UNIFAI).

**** Pesquisadora na área de Educação Superior, é graduada em Pedagogia e especialista em Magistério do ensino superior (COGEAE – PUC-SP).

***** Doutor em Filosofia em regime de cotutela pela PUC-SP e pela Université Paris 8. Professor de cursos de Pós-Graduação Lato Sensu do COGEAE (PUC-SP) e do UNIFAI, Pesquisador Associado do LLCP (Université Paris 8), membro do Centro de Estudos Jean-Jacques Rousseau do Brasil e da Associação Brasileira de Estudos do século XVIII (ABES XVIII) e da International Society for Eighteenth-Century Studies (ISECS).

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

Ricardo Barbosa: Professor Salomão, o senhor poderia por gentileza se apresentar para nós?

Salloma Salomão: O meu nome é Salomão Jovino da Silva. Eu também sou conhecido como Salloma ou Salloma Salomão, ou só como Salomão. Eu tenho 57 anos, 4 filhos, casado com Ana Cristina Rodrigues. Sou professor e músico, formado – na graduação, no mestrado e doutorado– pela PUC de São Paulo e fui professor da rede pública estadual durante muitos anos, e, desde 2002, sou professor universitário. Comecei dando aula na Uniban de Osasco e, desde 2009, ministro aula de África, Diáspora e Brasil em uma universidade da *Prefeitura de Santo André* chamada *Centro Universitário Fundação Santo André*.

Você quer fazer a primeira pergunta e eu falo da minha impressão sobre a pergunta e como seria possível responder?

Maria Aparecida Lemos Alcântara: Professor, o que o senhor poderia nos dizer sobre um povo específico, ou mais de um povo... sobre o modo como se educa na África, mais precisamente, se o senhor puder, nos povos autóctones?

S. S.: Então, olha só: hoje se educa, na África, como se educa no mundo. As sociedades africanas são sociedades contemporâneas com os mesmos problemas de qualquer outra sociedade. Na África, se educa em função de projetos de escolas nacionais, escolas constituídas pelos governos nacionais. Todas as sociedades africanas estão organizadas em sistemas de países/estados nacionais, e é de responsabilidade do Estado, nas sociedades contemporâneas, os processos de escolarização. Talvez aí

tenhamos de fazer uma distinção entre o que é escolarização e o que é educação. Filosoficamente, educar poderia ser colocar a pessoa num duto, colocar a pessoa num caminho. Educar, literalmente, seria isso. Escolarizar é educar através de uma instituição que o Ocidente chamou de Escola. *mundo ocidental chamou esta instituição, criada na modernidade, de Escola, entendeu? E este é um nome antigo, provavelmente criado na Idade Média a partir de uma linha filosófica que os europeus medianos tinham que é a Escolástica. Escolarizar era colocar as crianças num lugar para aprender certas filosofias cristãs da Idade Média. Era assim que eles pensavam. Bom, mas as sociedades africanas, que são muitas e diversas, desenvolveram os mais diferentes métodos para ensinar as crianças a conviver. A função da educação é, digamos, ensinar a conviver, o básico é isso. O ser humano, com suas faculdades mentais boas, nasce e as regras estão no mundo em que ele nasce. A pessoa não tem que saber as regras ao nascer, as regras são aprendidas com o passar do tempo. São os adultos que formulam as regras, nas sociedades mais antigas eram os velhos, eram os patriarcas, os homens. Como os homens assumiram essa posição de poder, eu não posso te dizer, eu não sei. Por que patriarcas e não matriarcas? Muito provavelmente houve um momento em que as mulheres também eram responsáveis pela educação das crianças, mas, num dado momento, os homens assumiram esta posição e guardaram para si esta responsabilidade de organizar e liderar as sociedades. Isto, podemos chamar de patriarcado.

R. B.: Professor Salloma, o senhor comentou referente à escolarização que se tem na educação desses jovens. Então, como funciona o processo educativo, existe uma didática como utilizamos aqui no Brasil?

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

S. S.: Claro que sim. Todas as didáticas que têm no ocidente têm na África, e elas foram introduzidas lá pelos jesuítas durante o processo de colonização. Mas na emancipação dos Estados Nacionais Africanos, desde 1956, eles buscaram os seus modos próprios de pensar: Instituições escolares a partir das suas culturas e das suas realidades. Então aí, estamos entramos no tema: Como é que as sociedades africanas formularam hipóteses sobre escolarizar suas crianças a partir de culturas próprias, aí de culturas autóctones, culturas africanas, culturas locais. Entretanto para dar um exemplo prático: *Dafá Fily Kanoutê*, um homem africano vindo do Senegal, residente no Brasil, que deve ter quarenta anos, chegou aqui falando Francês, Inglês, Árabe, Malinqué¹ e Wolof². Sua mãe era da etnia *Malinqué*, seu pai da etnia *Wolof*, ele foi para a escola, e a língua da escola era o francês. A língua da religião era o árabe, eles aprendem ler e escrever para orar em árabe. Aqui ele aprendeu o português, porque lá na *Universidade Sheikh Anta Diop*, no Senegal, país da costa ocidental africana, ele aprendeu todas essas línguas e se tornou especialista em línguas latinas, porque o francês, o inglês, português, espanhol, romeno, são todas provenientes do latim. Ele chegou aqui já falava uma língua latina, então aprendeu facilmente o português. Durante sua infância, estudou numa escola básica, no Senegal, a partir de um modelo francês. Entretanto ele tinha muita sapiência, muito conhecimento... Ele tinha e tem, porque

1 Língua nigero-congolesa falada pelos malinqués, os quais constituem um povo do Mali e da Guiné, que vive da agricultura, seguindo uma organização fortemente hierárquica e um sistema de clãs, em aldeias fortificadas

2 É o nome de uma língua falada na África Ocidental, principalmente no Senegal, mas também em Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali, República Dominicana, e na Mauritània, sendo a língua nativa do grupo étnico homônimo

é vivo, tinha muita sapiência tanto no mundo da escola como do mundo do pai e da mãe que não eram escolarizados, mas eram educados segundo duas tradições culturais específicas de povos da África do Oeste, ou seja, os *Wolofs* e os *Malinqués*. Como que as populações tradicionais educam ou educavam as suas crianças, já que a escolarização nos países pobres é privilégios de elites, como é privilégio no Brasil, uma boa escolarização é privilégio das elites brancas? Então como é que as pessoas pobres no Senegal educavam seus filhos, aqueles que não tinham acesso à escola? Educavam através de um sistema de acúmulo de conhecimento, experiência, cultura, língua, técnica, conhecimentos na agricultura, conhecimentos práticos, conhecimentos sobre o tempo, conhecimentos sobre a existência material e imaterial das coisas, filosofias, visões religiosas e filosóficas do mundo. Como se chega nisso? Chega-se nisso através de séculos e séculos e séculos de experiência, acúmulo e sistematização.

O conhecimento não está no mundo. O conhecimento está na cabeça dos humanos, as coisas estão no mundo. Mas para as coisas serem conhecidas, os humanos precisam elaborá-las, colocar nomes nas coisas... Esse colocar nome nas coisas pode-se chamar de Cultura. Então é através das culturas nativas, autóctones ou tradicionais e da oralidade que a experiência no mundo ganha sentido. E essa experiência do mundo acumulada durante séculos, milênios, que é transmitida para as crianças porque senão as crianças terão que passar pelos mesmos problemas que as gerações anteriores...

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

Um exemplo: Nosso grupo se deslocou de uma região tal e fez as casas na beira de um rio que inunda num certo período do ano. Mas nós não sabíamos até que ponto a água subia. A primeira vez que a água subiu, levou alguns, morreram, destruiu as casas. Essa experiência guardada dentro da minha comunidade, eu posso transmitir para a geração posterior: “*Olha, num certo período do ano o rio inunda, então não façam casas na beira do rio*”. Esse é um tipo de experiência social, que se transmite através da oralidade. Qual seria outra experiência? Fulano de tal estava com uma doença X e o sacerdote, o mais velho, alguém que acumulou muito conhecimento em relação as plantas, foi lá, pegou a planta específica, trouxe e aplicou naquela ferida daquela pessoa e resolveu aquele problema, porque aquela planta tinha características específicas de ser estimulante para cicatrização. Isso não nasce da noite para o dia. Isso é resultado de acúmulos de experiências, durante milênios. Então, continuam existindo em todo o Continente Africano esses conhecimentos que vem da tradição, mas também tem a escola. Desde a escola introduzida pelos jesuítas, capuccinos, beneditinos, no século XVI, até as escolas modernas contemporâneas introduzidas pelos colonizadores e depois refeitas, reconfiguradas pelos emancipadores, por aqueles que lutaram contra o domínio colonial na África.

Talvez haja um cara que vocês possam recorrer para ver um pouco sobre isso, chama-se Marc Ferro – Historiador. Ele fala sobre a manipulação do Ensino de História nos estados nacionais e ele pega exemplos da África. Tem outro, que é muito preconceituoso, mas ele também estu-

dou sistemas de escolarização na África. Esses sistemas contemporâneos baseado no modelo ocidental. Qual é o modelo ocidental? A Escola é uma instituição do Estado. Essa escola que é instituição do Estado, é uma escola baseada na transmissão escrita do conhecimento, diferente das formas tradicionais, que são baseadas nas transmissões orais ou transmissões práticas. O que é prática? Eu te ensino a fazer um cesto que é para uso utilitário, que é para utilização prática, e neste cesto vão grafismos que comunicam pensamentos. São símbolos gráficos, mas são feitos à mão. Eu te pergunto: Isso é escrita ou não? Eu te digo: Isso é escrita. Eu pego um pensamento e transformo num símbolo gráfico. O alfabeto é um símbolo gráfico para representar fonema. Ele não nasce do nada, nasce na cabeça. Eu só falo aquilo que eu penso. As palavras não estão soltas no mundo. A função da escrita é comunicar pensamento. Se eu estou comunicando um pensamento por um sistema que eu pinto no cesto ou se eu pinto no papel é a mesma coisa ou não? É a mesma coisa. Entretanto a nossa formação escolar ocidental nos diz que isso aqui é superior àquilo. Nós somos educados por brancos para pensar como brancos. E é muito difícil fugir a esta determinação. Todos os grafismos têm sentido dentro das sociedades africanas...

Se a escola moderna é baseada na transmissão do conhecimento pela escrita, não quer dizer que outras sociedades também não fizeram. Não foram só os brancos que inventaram a escrita. A escrita foi inventada na África, no Egito propriamente. Os primeiros sistemas escritos no mundo são egípcios, e talvez simultaneamente os chineses também tenham desenvolvidos.

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

Os gregos aprenderam a escrever com os africanos, mas como os europeus inventaram uma ideia de que a sua cultura tem origem grega, eles não deram créditos para os egípcios. Mas os mais antigos sistemas de escrita que existem no mundo são egípcios, etíopes e da África do Oeste. Professor Henrique Cunha Junior: ele é quem diz isso no Brasil. Fora do Brasil, outros dizem...

Eu não vou conseguir responder as perguntas de vocês de forma muito direta, mas como vocês são pesquisadores de informação, depois vocês vão atrás porque nunca se encontram todas as coisas que se quer no mesmo lugar.

Olha só, aqui³. Escritas africanas em árabe recolhidas durante o processo feito contra os males, na Bahia em 1832. São Alcorões, mini Alcorões, a Bíblia árabe que ficavam penduradas nos pescoços dos escravizados. Quando eles foram processados por conta de uma revolta que eles estavam articulando, mas que não aconteceu, eles recolheram isso como documentos/provas de que estavam preparando um motim.

Então, a escrita não é o conhecimento. O conhecimento é muito mais do que a escrita. Às vezes a escola apresenta também essa distorção de confundir o conhecimento com a escrita. O conhecimento é uma forma de saber humano, a escrita é uma forma de registro desse saber, mas não é a única, principalmente a escrita ocidental.

Lá [nos mini Alcorões] eram descritos feitos por africanos aqui no Brasil no século XIX, aqui são escritas da região da Nigéria, em árabe também.

³ O Prof. Salloma mostra, num de seus livros, figuras de escravos negros com pequeninos livros pendurados em seus pescoços.

Os africanos além de desenvolverem seus próprios sistemas de escritas, também adaptaram as escritas dos povos com os quais tiveram contatos: o aramaico, o hebraico, o inglês, o francês, e antes disso o latim e o grego. Os africanos adotaram diferentes sistemas de escritas ao longo dos milênios, além de desenvolverem os seus próprios. A escola contemporânea trabalha principalmente com a escrita, mas não se confunde a escrita com o conhecimento.

Aqui são vinte sistemas de escritas africanas elencadas pelo Cunha Junior.

Nós fomos destituídos para alimentar a ideia de que somos inferiores. Primeiro dos europeus, depois dos brasileiros brancos. Aqui são sistemas de hieróglifos, os mais remotos. Aqui são dois sistemas diferentes. Aqui é de outro povo abaixo do Egito, os núbios. Será que eles tinham escolas? Certamente tinham. Porque se eles não tivessem uma instituição para transmitir esses conhecimentos, eles teriam se perdido. Então, é preciso sistematizar e institucionalizar o conhecimento. E isso que a escola faz. Aí é a segunda pergunta...

M. A: Então professor, eu acho que já foi respondida: Como funciona esse processo educativo?

S. S.: Porque não tem um sistema, tem pelo menos uns três sistemas funcionando. Tem a escola da tradição, onde o conhecimento na maioria das vezes é passado oralmente com práticas cotidianas. Tem o sistema da escola ocidental e, ainda, talvez, haja em algumas sociedades,

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

outro sistema, que seria um sistema religioso. Tem pelo menos três sistemas e não um.

Então a terceira pergunta também, posso estar enganado...

Armeny Silva Cardoso: Com licença Professor Salloma, quando você falou de Marc Ferro, você disse que tinha outra referência, mas seria uma pessoa um pouco mais preconceituosa...

S. S.: Jack Goody. Mas se vocês forem atrás do livro *Amkoullel*, o *menino fula*, de Amadou Hampâté Bâ, que é as memórias de um grande intelectual do Mali...cara que escreveu bastante coisa. Este cara, nas suas memórias, fala como foi educado. Tem o livro 1 de *História Geral da África*⁴, onde tem também o texto dele falando sobre esta questão da oralidade, Amadou Hampâté Bâ, é o mesmo d'o menino fula, tem um bellissimo texto. Então podem ver isso n'o menino fula e na *História Geral da África*, onde ele fala sobre a oralidade e sobre o sistema de transmissão da oralidade. Chama-se a *Tradição Viva* o nome do texto, do livro *História Geral da África Vol. 1*. E por fim, talvez ainda voltada para esta pergunta, este historiador egípcio chamado Samir Amin, que fala sobre a escolarização na África contemporânea. Já é um texto um pouco antigo, do começo dos anos 2000, mas é uma entrevista, *A África hoje na visão de Samir Amin*. Ele ainda é vivo, ele é bem velho, é do Egito. Vou destacar aqui. Olha só o que ele fala: “Na área da educação, para dar alguns números, conheci o ex Congo Belga. Um país enorme onde apenas nove congolese

4 KI-ZERBO, JOSEPH. *História geral da África*. São Paulo: Cortez, 2011. 8 v. Este trabalho foi liderado por um grupo de 39 especialistas denominado *Comitê Científico Internacional da UNESCO para a Redação da História Geral da África*. No total, foram envolvidos mais de 350 especialistas de diversas áreas do conhecimento.

haviam terminado o 2º grau. Destes nove, seis eram padres, e dos outros três, dois deveriam ser advogados e um médico. Há certamente mais de um milhão agora. É um número que muda completamente em vinte anos, mesmo sob o mais terrível regime que se possa imaginar, o de Mobutu”.

Mobutu Sese Seko foi o presidente da República do ex-Congo belga ou hoje chamado de Congo Kinshasa. Sabe a canção do Djavan [Soweto]? [Quando ele diz]: “Kinshasa, Beirute / Maranhão”. Então, Kinshasa é a capital do Congo, de um país que era uma colônia dos belgas, que era chamado de Congo Belga. Então ele está falando desse país.

“[...]Quando os europeus colonizadores saíram, tinha nove pessoas escolarizadas”. E aí ele está falando que, segundo a visitação e os dados que ele tem, hoje é mais de um milhão. “A esse respeito, mesmo sob este regime, foi possível fazer mais do que nos sessenta anos de colonização belga. Se observarmos as taxas de crescimento dos anos 60 e 70, vemos que elas são duas ou três vezes superiores as melhores décadas da colonização, superando as do momento atual. Aquele foi um período de crescimento acelerado feito com muitos desequilíbrios, à base de grande dependência, é verdade, fundada em grande parte nesse primeiro estágio sob a continuação dos valores coloniais, isto é, da exploração das atividades primárias, mas havia um projeto”. Ele está falando sobre escolarização na África pós-colonial.

Então são dois momentos que a gente tem que pensar na educação escolar na África: um antes da colonização, outro depois da descolonização. A descolonização começa pelo Egito em 1956, e o último país a ser emancipado foi o Zimbábue em 1982. Mas ele coloca também como

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

descolonização o que aconteceu na África do Sul. Ele chama o apartheid de colonização interna. E essa ideia que ele apresenta neste texto, eu acabo usando aqui no Brasil para chamar o que nós temos também de “colonização interna”. A colonização portuguesa acaba em 1822 com a independência, mas continua uma elite branca mandando, é a mesma elite que herdou a colônia. Continua mandando, de certa maneira vão se revezando, até hoje. Agora tem os italianos também, como que é o caso deste que foi eleito “italiano nazista”. Então não são só as elites portuguesas...

Então, Samir Amin, Jack Goddy, Marc Ferro, esses são os que eu conheço. Certamente, se derem uma busca sobre “Sistema de Escolarização na África Contemporânea”, vocês vão achar muitos dados. Tem dissertações feitas na UERJ, USP, de estudiosos africanos que vieram para cá e estão estudando Sistema de Escolarização deles lá. Importantíssimo fazer uma pesquisa na internet atrás de fonte que não seja o Google. Tem dissertações em língua portuguesa.

Estou vendo se tem mais algum dado sobre escolarização aqui...

Então, nós estamos distinguindo: Escolarização é uma coisa e Educação é outra, pelo menos no meu argumento.

M.A.: Esta terceira pergunta, eu acho, já está englobada na sua resposta, sobre a escrita.

S. S.: Sim, a dominação colonial impediu os africanos de tornarem seus sistemas escritos também em sistemas abertos democráticos. Desde que começou a colonização, as formas africanas de transmissão do

conhecimento, tanto oral quanto escrito começaram a ser cerceados pelos colonizadores. Porque os colonizadores para impor a sua própria religião, seu sistema de pensamento, não dava para eles aceitarem o sistema de pensamento que existia na África, então eles combateram de todas as formas, geralmente de forma violenta.

M. A.: Nesta próxima pergunta, a gente fala sobre a educação que se dá oralmente.

S. S.: Então, esse é um dado de fato, continua tendo, como eu disse, pelo menos três níveis: a educação religiosa, a educação escolar e a educação tradicional. Na educação tradicional as formas fundamentais são orais, entretanto, o que a gente aprende na escola é que o pensamento escrito vale mais que o pensamento oral. Então é preciso ter cuidado com essa chave, porque se não a gente joga tudo o que os nossos ancestrais fizeram no lixo, pois são formas orais.

A. C.: Na verdade coloca-se, desculpe interferir, é uma verdadeira negação, como se não houvesse nenhum conhecimento anterior, como se os povos tivessem vindo para cá vazios. Eu percebo que o que eu estudei, e o que minha geração estudou, é como se não houvesse, não havia importância.

S. S.: Ou, se havia, não tinha importância, né? Desimportante, é irrelevante, como diria o Milton Santos.

M. A.: Tem até uma questão aqui, é a questão cinco: Se a oralida-

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

de é tão importante que o ocidente concebe a história a partir do registro, ou seja, do documento, então a África coloca um problema sério para o pensamento ocidental. Podemos dizer que a África revoluciona a história nesse sentido, não é?

S. S.: Quem inventou isso foi uma pessoa específica. Foi um filósofo germânico específico, foi o Hegel. Foi o Hegel quem inventou que as sociedades sem escritas são sociedades sem história. Ele que criou essa correspondência no final do século XIX. Então olha só o que o Zerbo fala: “a posição mais radical sobre esse respeito, é o que consiste em dizer que a história da África negra não existe”. Esse aqui é, talvez junto com Hampatê Bâ, um dos maiores filósofos e historiadores da África Negra, Joseph Ki-Zerbo: “No seu curso sobre a filosofia da história em 1980 declarava Hegel: A África não é uma parte histórica do mundo, não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela, quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático”. Primeiro ele diz que a África não tinha história, depois tirou o Egito, a parte setentrional, tirou o Egito e colocou fora do continente. É uma operação ideológica essa, porque se o Egito está num continente africano, ele é africano. Ok? “[...] Isso quer dizer, que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu, ou asiático”. E não africano, porque africanos pretos não têm escrito, não tem história. “[...] Aquilo que entendemos precisamente pela África, é um espírito a-histórico”. Sem história, a-histórico, o ‘a’ é negação. “[...] O espírito não desenvolvido ainda envolto em condições ‘de natural’ e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da

história do mundo”. Isto foi escrito pelo Hegel em 1830.

Esse historiador, Ki-Zerbo, parte dessa contestação para dizer primeiro: Hegel era ignorante, porque havia vários sistemas de escrita na África então ele desconhecia. Segundo: ele era racista, por isso colocou a África e os africanos fora da história. Isso está aqui nas páginas 10-11, do Joseph Ki-Zerbo, **História da África negra nº 01**. São dois volumes. Isto é uma publicação portuguesa. Essa visão do Hegel, de filosofia de história, é o que está em nossos manuais de história, sabe quando tem aquela “antes da escrita” e “depois da escrita”, esse é o método do Hegel. E aí, todos os povos tidos como sem escrita, são considerados selvagens, primitivos, inferiores, e, sem história. Ele criou uma barreira, e isso começou a ser contestado a partir dos próprios africanos que, ao longo do século, foram mostrando que Hegel tinha feito isso de má-fé. Por que má-fé? É no começo do século XIX que os europeus têm quase um domínio pleno do mundo. Através de uma nova forma de organizar o mundo, que é uma economia, que nós chamamos de capitalismo. Quando ele faz isso, os europeus eram os donos do mundo, e ele está correspondendo a essa noção de que a Europa é o centro do mundo e os europeus são os donos do mundo.

M.A.: Sendo que a África é o berço da humanidade.

S.S.: Então, a origem dos antigos egípcios... Cheikh Anta Diop página 39⁵, é o cara que deu o nome para universidade, onde aquele meu amigo que eu falei para vocês estudou, o Fily Kanoutê, ele estudou na universidade de que leva o nome desse homem, que foi um teórico africano

⁵ Mostrando o livro História Geral da África II.

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

que mostrou a relação do Egito com as outras sociedades africanas. Ele escreveu uma tese em 1956 na *Sorbonne* e foi reprovado.

M.A.: Não aceitaram a tese dele?

S.S.: Não aceitaram, mas depois disso ele se tornou o grande historiador da África. Então isso está no livro *História Geral da África n° 2*, na página 38, a partir da página 38. É ele que mostra que, no Egito antigo, muitos faraós eram negros, escuros, porque quem olha para o Egito hoje, vê pessoas morenas e pensam que eles sempre estiveram lá, mas aquelas pessoas chegaram lá a partir do século X, na expansão Árabe. Então ele pesquisa a escrita, o Cheikh Anta Diop, pesquisa arqueologia, para comprovar a origem negra dos egípcios. E, de certa forma, ele está contestando a visão do Hegel, mostrando que a África tem história, e os africanos têm escrita.

M.A.: Como eles não conseguiram apagar da história dos egípcios, eles tiraram da África.

S. S.: Então, a gente pode pensar dessa forma. O Cheikh Anta Diop mostra relações entre a estrutura do crânio, estrutura facial. Isso aqui é Egito antigo, isso africano contemporâneo, e aí mostra como que os egípcios grafavam as pessoas brancas, os persas, os hebreus, os gregos, como que eles pintavam. Isto aqui é uma pintura egípcia, representando homens persas. Os persas usavam cabelos compridos, usavam trancinhas, os hebreus também usavam trancinhas. Aqui, eu acho que é o Quéops,

não, é o Namer, o faraó, os traços são traços de negros. Como é que podia ter um faraó negro se a população não o era? Enfim... Mas ele tem bastantes textos em português na internet, Cheikh Anta Diop. O caminho que vocês querem trilhar não é um caminho fácil, porque vocês vão enfrentar muitos preconceitos da própria universidade, vão enfrentar é [...] resistência, vão enfrentar dificuldades para acessar estes materiais, porque eles não estão sendo matizados de uma forma fácil e acessível.

M.A.: Esse escritor aqui, ele é africano ou ele é egípcio, o Cheikh?

S.J.: Cheikh, ele é do Senegal, lembra que eu falei que o nome dele é o nome da universidade onde aquele meu amigo estudou? Ele é senegalês. É que o Árabe influenciou muito essa região. Cheikh é um nome árabe. Cheikh é o responsável pela segurança numa cidade, o responsável da governança, o prefeito, é o Cheikh. O sultão é o dono de um certo império. Mas o Cheikh é o dono de uma cidade, dono e governador de uma cidade, e o Xerife é o responsável pela segurança. A língua árabe influenciou muito o norte, o nordeste e o oeste da África.

R.B.: Na sexta pergunta professor, a gente traz aqui uma problemática, referente ao que é transmitido da história do negro para nós. Eu vou fazer a pergunta: se a África traz uma contribuição tão importante para a chamada Razão ocidental, pois nos faz conhecer um modo de pensar e de viver, portanto diferente daquele que conhecemos, por que ao se

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

ensinar a história do negro no Brasil se resume apenas escravidão? O que é que mudou na história para que chegasse aqui somente como escravidão?

S.S.: Eu não sei que escola que faz isso, mas, provavelmente de maneira geral de escolas brasileiras, pode ser que tenha feito isso durante X tempo, não dos anos dois mil pra cá. Fez isso durante bastante tempo, de resumir a história dos negros, porque não é um negro, não é? São os africanos, e vários, são homens e mulheres a história da escravidão. Mas é também uma maneira, uma ideologia da cultura brasileira de fazer que os negros tenham vergonha do seu passado. Então, quando uma professora pega uma gravura do Debret, de um negro apanhando de outro negro, essa é uma maneira de introduzir nas crianças negras um sentimento de inferioridade. Isso é uma didática. É a didática da opressão racial. Nós temos várias imagens de negros, inclusive, rebeldes, amotinados, matando brancos, mas essa imagem não se ensina as crianças, o que se ensina é aquela capinha do Jacob Gorender de um negro batendo no outro, O *escravismo colonial*, é o nome do livro do Jacob Gorender, publicação acho que, atual, da companhia das letras. Aquela imagem transmite muito mais que mil textos. Porque ao mostrar uma imagem congelada de africanos, um maltratando o outro, torna natural que ajam negros querendo participar do massacre que o Bolsonaro quer fazer contra nós. Essas crianças que aprenderam dessa forma, certamente têm pavor de ser negros, tem vergonha de ser negro e acham que os negros são realmente ruins, são malignos, são do mal, são inferiores. O bolsonarismo aciona essas ideias, racistas, autoritárias em larga medida e que está em nossa sociedade. E depois que o mal

foi feito, depois que você ensina a criança que é desse jeito, é muito difícil depois convencer o adulto. Essa criança quando chega em idade adulta já estará pronta, é uma bomba contra seu próprio povo e, para fazer o serviço sujo que, às vezes, os brancos não querem fazer. Por isso encontramos lá soldados negros na periferia fazendo serviços que às vezes o branco não quer fazer, o serviço sujo.

A.C.: Eles costumam colocar que o próprio (...), que o responsável pela sua sorte é o próprio negro, esse discurso de ódio. Os portugueses nem pisaram na África, foram os próprios negros que venderam seus irmãos etc. Uma coisa ele que falou fortemente nas entrevistas dele.

S.S.: Que não é destituído de mentira, mas a maneira como coloca é culpabilizar a vítima. Ou seja, de fato, houve soberanos africanos que contribuíram para o tráfico, a diferença é: o tráfico acumulou dinheiro na África ou na Europa?

R.B.: Na Europa.

S.S.: E na Europa o tráfico acumulou dinheiro e esse dinheiro gerou o quê? Sabe o que o dinheiro do tráfico gerou na Europa? O luxo. Sabe aquelas igrejas portuguesas e espanholas que a gente vai visitar cheia de ouro? É resultado do tráfico. Sabe o palácio de *Versalhes*? Sabe a *Universidade de Oxford*? O lucro do tráfico e da exploração colonial gerou as riquezas dos países europeus. E gerou algo o que a escola nos ensina que é a Revolução Industrial. Mas não diz de onde veio o dinheiro da *Revolução*

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

Industrial. O dinheiro da *Revolução Industrial* veio da produção açucareira, das extrações de ouro e da prata e outros metais preciosos e dos tráficos de pessoas. Vinte milhões de pessoas foram enviadas para as Américas. Cinco milhões de pessoas foram enviadas para a Europa. Dois milhões de pessoas foram enviadas para o Oriente. Os africanos não foram enviados só para cá, para cá veio a maior parte. Foram enviados para a Europa e Oriente e, ainda desses trinta milhões, uns dez milhões morreram, ou na captura ou no mar, em torno de cinquenta milhões de pessoas durante quatrocentos anos. Até 1907 ainda tinha tráfico de pessoas, e o tráfico de pessoas foi tão lucrativo que ele não desapareceu. Segundo *Seymour*, que tem aqui, o tráfico de pessoas existentes hoje, é decorrente desse sistema internacional de tráficos de pessoas desenvolvidas pelos europeus ao longo dos mil e quatrocentos anos até o mil e novecentos e tal.

M.A.: Qual o nome professor?

S. S.: Seymour Drescher.

A.C.: Importante lembrar que essas pessoas tinham conhecimentos, muito conhecimento. Não é isso que a história passa. Chegou aqui um grande número de pessoas que não sabiam nada, eles já tinham uma siderurgia lançada, não é Salomão?

S.J.: Sim

A.C.: Extração de outros minérios, como trabalhar com o sal, vários saberes que isso não era passado.

S.S.: Sim. É, têm coisas que são até engraçadas, coisas simples: agricultura, os portugueses nem tinham terras para agricultura é tudo pedregoso, quem tinha conhecimento de agricultura eram os africanos. Criação de gado, os portugueses criavam porco e ovelha, quem criava e cria gados em grandes extensões são os africanos. Os portugueses tinham grande conhecimento com cavalos, cavalo era um animal militar, entretanto, quem levou o cavalo para a península ibérica foram os norte-africanos, foram os mouros. Porque o cavalo levado para a península ibérica é o cavalo árabe. Esse cavalo árabe foi implantado no nordeste da África, o cavalo não é africano, o cavalo é da Mongólia, cavalo chegou na África em função da guerra entre os egípcios e os persas, mas os faraós egípcios, ao ver o cavalo no combate, rapidamente levaram o cavalo para ser adaptado no Egito, isso século X antes de Cristo, ou mais. Então, quem cuidava de cavalo, do gado vacum, enfim, eram africanos. Por isso que, no Nordeste, tem tanta cantiga de vaqueiros e a imagem de vaqueiro nordestino é a imagem de um homem preto, porque eram os pretos que cuidavam das rés perdidas na caatinga. Eles tinham o conhecimento da agropecuária. Mas aí é toda a distorção da história nacional, da história mundial, que é fruto da dominação europeia do mundo. Isso é muito difícil de combater, porque ela está em todos os lugares. Ela está desde o desenho animado que passa na televisão até a aula de pós-graduação no doutorado da USP. É difícil, não é impossível. A gente tem feito esse combate.

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

M.A.: Professor para finalizar...

S.J.: Eu só queria usar só mais uma coisa da questão seis, então, não é uma contribuição, imagina você, as pessoas foram escravizadas, e aí os brancos perguntam: “negros, vocês têm alguma contribuição para dar?” Olha: “nós temos uma contribuição a dar para vocês”, não é, é formativo, é estrutural na cultura, pelo menos na cultura popular, talvez não na cultura acadêmica, mas na cultura popular do mundo, na cultura popular inclusive europeia. Muito do conhecimento que tem lá é do conhecimento negro, mesmo o conhecimento letrado. Sujeito que inventou o romance moderno na França, é um negro. É um homem negro que inventou o conhecimento moderno. Quando as pessoas leem os três mosqueteiros não sabem que foi um homem negro que escreveu. Sim, Dumas era um homem negro, o Dumas filho e o Dumas pai. As pessoas não sabem que Pushkin, Ganibal, um russo que inventou a literatura russa, era negro. Mas era negro, cujo pai havia sido levado para Rússia como escravo. Entende o que é a distorção? Distorção é distorção e omissão e produção de esquecimento e de complexo de inferioridade. Em nós é o complexo de inferioridade e neles é o complexo de superioridade. Não é contribuição, é a base da cultura brasileira, é a base da cultura do Caribe e talvez seja a base até da cultura Argentina, pois se não tivesse tido pretos, não teriam inventado o tango, que é a marca da cultura argentina. Essa palavra não é uma palavra europeia, né? Tango. Os negros argentinos estavam lá até o início do século XX, e aí pessoas mestiças como você, começaram a ser classificadas como brancos, até que, num dado momento, o IBGE deles determinou que não

tinham mais negros. Como o IBGE daqui tentou também fazer, que foi classificar pessoas negras como pardas e pessoas mestiças de pele clara como brancas. E aí a gente já está na questão sete.

M.A.: Para finalizar: como as ações pedagógicas podem contribuir para o ensino das culturas africanas na sala de aula sem restringi-la a um tema transversal, tal como é chamado, que usualmente é trabalhado de modo restrito próximo ao feriado da consciência negra?

S. S.: Então, essa é uma pergunta boa, o que determina que as culturas africanas e as histórias da África sejam trabalhadas desta forma é a desigualdade no interior da grande estrutura que é a instituição escolar. É uma estrutura que, no topo, tem um homem branco lá no ministério da educação. Ele pode ser Haddad, ele pode ser Belfort, ele pode ser Jarbas Passarinho, depende do tempo. Lá no topo da pirâmide, lá no ministério da educação tem um homem branco, às vezes, pode ser ocasionalmente, uma mulher Maria Helena Guimarães de *São Paulo*, e essa visão europeia que está no macro da sociedade que é aplicada no Ministério da Educação. E é ela que vem descendo até chegar na criança preta que está lá na sala de aula. Mas é uma mentalidade, um modo de ver, é uma visão de mundo que desce até se simplificar, e ser ensinada a essa criança, por isso que é natural a professora ter para séries iniciais só bonecas brancas, porque, na visão da professora, o branco é o belo, o branco é o justo, o branco é o bom. E tudo que é associado ao negro, à palavra negro, a cor negra, foi construída pelo racismo como algo negativo. E a professora também acha

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

que tudo que é branco é universal. Se der a boneca branca para a criança é porque o branco é universal, não faz mal. Vai criar na cabeça da criança, logo na infância, através da boneca branca, das histórias de brancos, *Branca de neve*, com castelo, com frio, desenhos animados que mostram um imaginário, uma geografia, um padrão de relação social que vem da Europa, que não vem da África. Esse passa a ser o modelo universal. Mas a gente sabe que a Europa não é o mundo, Europa é um quinto do mundo, mas esse quinto do mundo se tornou, em certo período, o quinto do mundo mais poderoso. E é com isso que a gente tem que conviver. Enquanto os brancos deterem o poder esse vai ser o modelo que vai prevalecer. Então, não tem como mudar o pensamento escolar, se não mudar a sociedade, é paliativo. O que a Lei 10.639 fez, foi trazer um pressuposto de que era possível, sem conflito, fazer uma educação pública não racista. Esse era o pressuposto sem conflito, apenas com base na lei e na aceitação dos educadores. Nós vamos fazer uma educação pública não racista, mas os professores racistas reagiram, os sistemas racistas reagiram, expulsaram os conteúdos, estigmatizaram aquelas professoras e professores que queriam fazer o trabalho comprometido com a mudança de paradigma, foi isso que aconteceu.

O racismo do sistema escolar é orientado por uma visão racista no topo. Essa visão se reproduz na base escolar é uma instituição viva. O que faz a escola não é o prédio são as pessoas. As pessoas pensam, as pessoas agem. Quando o sistema através das pessoas reagiu, colocou os conteúdos de África para fora. Foi assim durante a instituição escolar que começa no

Brasil com os *jesuítas*. Ela foi assim durante quinhentos anos. Como é que uma coisa estranha vai entrar num corpo organizado e não vai reproduzir efeito? Foram dois efeitos: ou a expulsão ou a criação de um cisto. Então, vocês estão dentro de um cisto, vocês estão fazendo essa pesquisa, que vocês estão lá... O professor é negro?

A.C.: Não.

S.S.: Não?! [surpreso] Estão dentro de um cisto, onde tem um professor branco (risos) relativamente comprometido com uma pauta do ativismo negro. Quando foi que os negros começaram a questionar o sistema escolar ocidental? No final do século XIX. Foram professores negros, no final do século XIX, que começaram a questionar o sistema educacional brasileiro, dizendo que ele era muito branco e racista. Especificamente dois professores baianos: um chamado Souza Carneiro e outro chamado Manoel Quirino, eles davam aula no que seria hoje o ensino médio, isso lá na Bahia, mas outros também o fizeram. No Rio de Janeiro, teve a professora negra que criou a escola. A mãe de *Lima Barreto* era professora e ela criou uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro para crianças negras. A frente negra brasileira, foi uma organização política da década de XX, também criou um sistema escolar, a escola para negros sabendo que o sistema é branco, nossa evolução lá dentro era difícil, eles tentaram criar sistemas alternativos e ao mesmo tempo questionar o sistema escolar nacional, tanto do império quanto da república.

Um intelectual negro, arquiteto, graduado fora do Brasil de famí-

Maria Aparecida Lemos Alcântara
Ricardo Barbosa
Armeny Silva Cardoso
Alessandro Francisco

lia rica, haviam negros ricos do século XIX, mais fácil do que no início do século XX. Pessoas cujas avós ou bisavós haviam feito fortunas em Minas Gerais, nas minas achando ouro e pedras preciosas, migraram para Bahia. A avó, especificamente desses dois jovens engenheiros *André Rebouças* e *Antônio Rebouças*, foi uma mulher negra mineira que ficou rica e migrou para a Bahia e lá se tornou fazendeira. Educou o filho, o pai desses dois, no começo do século XIX, esse senhor mandou os filhos para *Itália* para fazer engenharia lá, eles voltaram e se tornaram grandes empresários, amigos até da princesa. Quando falam que a princesa *Izabel* tinha amigos negros ela realmente tinha, não quaisquer negros, negros de elite, esses dois Rebouças. Eles fizeram um projeto de escolarização dos filhos dos escravos que jamais foi aprovado na assembleia do império. *André* e *Antônio Rebouças*, depois a gente passa lá no túnel e não sabe que eram negros.

M.A.: Professor nós vamos concluir aqui, para não ocupar mais o seu tempo, pois sabemos que o senhor tem compromisso hoje, né?

S.S.: É, eu vou dar uma palestra da *Mostra Cultural CoperIfa* no CEU Campo Limpo.

A.C.: Agrademos, Professor Salloma Salomão, por esta oportunidade de conhecimento muito enriquecedora, por ter disponibilizado seu tempo para nos conceder esta entrevista e por nos oferecer seus conhecimentos.